

Movimento de Mulheres Camponesas MMC/SC em situação de representação teatral

Rosa Ana Gubert *

Abstract: This article presents the processes of creation and the staging of the play “In the struggle history is made”, produced by the Movement of Peasant Women of Santa Catarina MMC/ SC in 2008. The play is composed by narratives of the several generations of women of this movement. As the theatre performance highlights the most significant moments of the 25 years of the Movement, female peasants as actresses, both represent themselves and other women who were part of the history of the Movement.

Key words: Theatre; history; peasant women’s movement

Este trabalho pretende relatar e analisar, como foi *processo de criação e montagem* do espetáculo teatral “*Na luta se faz História*” do grupo teatral “*MMC Resistência e Arte*”¹, ocorrido em Chapecó SC, no primeiro semestre do ano de 2008, como *Primeira Etapa* do Projeto Teatral das camponesas do MMC/SC. O espetáculo se desenvolve em 25 cenas alusivamente aos 25 anos de história do Movimento de Mulheres Camponesas e da trajetória do mesmo, é baseado em fatos políticos, memórias pessoais e de luta, vividos na realidade por várias gerações de mulheres que passaram pelo Movimento. A história se passa em contextos decisivos e particulares; em lares, tanto da cidade, como do campo, no espaço público e no privado, sendo os mesmos mobilizadores e constitutivos de rompimentos, assim como reflexo de dificuldades e de preconceitos vividos pelas mulheres camponesas.

Na peça, são mostrados 27 personagens, na maioria femininos pelo protagonismo das mulheres neste movimento, outros masculinos, representados por mulheres. A peça é costurada por músicas “nativistas”, executadas algumas vezes pelo próprio grupo, outras com auxílio de *tape*. Em 40 minutos de espetáculo, são trazidas a cena, inúmeras questões debatidas e defendidas pelas camponesas ao longo dos 25 anos como; identidade camponesa, produção ecológica, patriarcado, jornada de trabalho e divisão de tarefas no campo, reconhecimento da profissão e documentos das mulheres camponesas, alcoolismo, violência

* Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Teatro PPGT-Ceart-Udesc desde 2008, bolsista Promop. O mesmo trabalho faz parte da pesquisa de Mestrado em Teatro, desenvolvida por mim e orientada pela professora Dra Maria Brígida de Miranda.

¹ O grupo é formado por 20 integrantes, 18 camponesas e dois meninos, com idades que variam de 10 a 60 anos, provenientes do meio rural de várias regiões do estado de SC. Na grande maioria são lideranças, e alguns filhos e filhas das mesmas. O grupo passou a ter este nome e definindo-se como tal, a partir da formação em meio ao processo de construção do espetáculo dos 25 anos do Movimento em Chapecó SC, no primeiro semestre de 2008.

doméstica preconceito, discriminação, êxodo, passeatas, reuniões de lideranças, conquistas relativas à mulher, por isso forte debate de gênero.

O grupo de teatro fez estréia do espetáculo em agosto de 2008 em Chapecó, SC. Na mesma cidade, foram realizadas as oficinas de teatro, desencadeantes do *processo de construção da peça teatral* no primeiro semestre de 2008. O grupo teve como colaborador um diretor teatral catarinense

Na *Segunda Etapa*, que ocorreu, no segundo semestre de 2008, o grupo viajou pelo estado de Santa Catarina, realizando apresentações da peça por várias cidades do interior deste estado. Tive a oportunidade de acompanhar a duas apresentações² do grupo. Além disso, assisti ao ensaio geral da peça, que antecedeu a apresentação do dia 21 de novembro; a um dos espetáculos. Realizei no mesmo momento, diversas entrevistas com participantes do evento, nos bastidores e na platéia, com lideranças do Movimento, integrantes do elenco, que participaram do processo de criação da peça. Filmei e fotografei vários momentos do evento e este material é também utilizado como fonte para a pesquisa de Mestrado em Teatro.

Selecionei para este trabalho, tanto nas entrevistas concedidas na ocasião, dos dias 21 e 22 de novembro em 2008, quanto nas do dia 20 e 21 em janeiro de 2009, em Chapecó, quando participei do Seminário sobre A Lei Maria da Penha, pela *Campanha Mulheres Donas da Própria Vida- Viver sem Violência direito das mulheres do campo e da Floresta*, realizada pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres Nacional/ SPM. Essa atividade foi realizada com as mulheres camponesas no Centro de Formação do MMC/SC, Maria Rosa. Na mesma ocasião, entrevistei na mesma cidade, o diretor da peça, e uma representante da Universidade local. Totalizando 25 entrevistas.

Para efeito deste trabalho fiquei com 8 entrevistas, organizando-as a partir do que denomino *tópicos do processo*, contidos nas mesmas, como um primeiro olhar que relaciona o processo de trabalho do grupo “Resistência e Arte” do MMC a estratégias de teatro de criação como *processo colaborativo* ao longo do texto.

² As apresentações ocorreram no dia 21 à noite em Tunápolis SC, e no dia 22 em São Miguel do Oeste, fazendo parte do Congresso dos 25 anos do MMC da II Festa da Família Camponesa, e da I Feira da Biodiversidade promovido por elas, que aconteceu entre os dias 20 e 22 de novembro de 2008 em São Miguel do Oeste, Santa Catarina. Evento envolvendo pessoas de todo o estado de Santa Catarina, na grande maioria envolvidas com o meio rural.

Breve história do Movimento de Mulheres Camponesas, MMC/SC

Em artigo publicado na Revista Estudos Feministas intitulado “*a luta das mulheres agricultoras; entrevista com Dona Adélia Schimitz*”, escrito por Maria Ignez Paulino e Cristiane Bereta da Silva (2007), o MMC iniciou sua história com a sigla MMA/SC (Movimento de Mulheres Agricultoras), como também as suas atividades, ainda no início da década de 1980 (no interior de Chapecó, na época na comunidade de Nova Itaberaba). No início, o que atraía as mulheres para o MMA eram as questões trabalhistas, como: serem consideradas produtoras rurais, com direito à assistência em caso de acidente de trabalho; aposentadoria aos 55 anos; salário-maternidade e pensão, viuvez.

A partir de 2004 o MMA/SC, assim como outros movimentos autônomos de mulheres (agricultoras/trabalhadoras rurais, extrativistas, quebradeiras de coco, pescadoras artesanais, meeiras, diaristas, arrendatários, posseiras) de outros estados, acabou por unificar-se em um movimento nacional: MMC.

Segundo a Cartilha do Movimento de Mulheres Camponesas ³, o MMC/SC (2004) é uma organização autônoma, criada pelas próprias mulheres que se reúnem, estudam e debatem problemas, e buscam soluções coletivas, em torno de seus direitos, através de reivindicações, levando em conta questões de classe social e principalmente os direitos das mulheres, de forma democrática.

Atualmente esse movimento tem discutido e refletido sobre novas relações com a terra e natureza. Como prática de uma agricultura saudável, *agroecológica*, as camponesas têm desenvolvido ao longo dos anos de existência, o resgate de sementes crioulas, plantio de hortaliças sem o uso de agrotóxicos, resgate das ribeirinhas, mata ciliar, assim como discutido e praticado várias ações ligadas ao meio ambiente em *defesa da vida*.

MEMÓRIAS EM CENA

Ao buscar conhecer a experiência de *teatro* do MMC/SC num todo, desde o momento, onde surge idéia de inserir o teatro nas suas práticas, darei destaque à *criação do espetáculo*, onde identifico elementos de um *processo colaborativo* no trabalho do grupo apoiada na visão

³ Cartilha do Movimento de Mulheres Camponesas sobre as jovens camponesas: gênero, produção auto sustento e renda. Segundo a mesma em SC, o movimento organiza-se 15 em regionais, abrangendo 120 municípios de SC (dados 2004).

de Sérgio Carvalho⁴, baseado em seu artigo “*Conversa sobre as virtudes do processo colaborativo*”. Selecionei 8 entrevistas, priorizando algumas das “*falas/visões*”, “*depoimentos/narrativas*”; ou mesmo, “*relatos*” que a meu ver constroem e reconstroem os significados históricos da memória das camponesas, fora e dentro da cena e durante o *processo teatral*.

De como o teatro começa a fazer parte do MMC/SC

“Trabalhar a dimensão artística da cultura camponesa é um desafio para o Movimento além de ser uma forma pedagógica e atraente de transmitir a mensagem do MMC/SC para a sociedade em geral”⁵

1) Produção / o projeto

Segundo uma das dirigentes do MM/SC em entrevista, foi durante num planejamento realizado em 2007; envolvendo a Direção Política, Executiva e Coordenação Estadual, formada por 2 lideranças de cada região, onde discutia-se a programação dos 25 anos do MMC, que se levantou a proposta de criação de um *espetáculo teatral*, para contar, divulgar e levar a história do Movimento para vários setores da sociedade. Nessa ocasião, tiraram também uma equipe de trabalho que em novembro de 2007, escreveu um projeto, que envolvia todas as atividades referentes às *comemorações dos 25 anos*. Em dezembro este mesma equipe enviou o projeto, concorrendo ao edital de *cultura* da Eletrosul⁶. O projeto foi aprovado em R\$ - 15.000,00 em fevereiro de 2008, o que obrigou as camponesas a tomarem a decisão de optarem pela parte do projeto que envolveria o *teatro*.

Apesar do MMC ter presente atividades artísticas e ritualísticas, como exemplo, a *mística*⁷, em seus 25 anos de história, esta foi à primeira vez que o movimento engajou-se na

⁴ Sérgio Carvalho (org.), “Introdução ao Teatro Dialético” - Experimentos da Companhia do Latão, 1 ed. São Paulo: Expressão Popular; Companhia do Latão, 2009.

⁵ Página online do MMC/ Brasil.

⁶ Entidade que financia projetos culturais em SC financiou a Primeira Etapa- O *processo de criação do espetáculo* do projeto teatral; envolvendo custos, tais como: equipamentos de luz, som, estruturas de palco, matérias cênicas diversos, alimentação o pagamento do Diretor, e todos os deslocamentos das camponesas entre os diversos municípios do estado a Chapecó.

⁷ Segundo Pompeu (2008) as *místicas* são manifestações artísticas desenvolvidas coletivamente pelos militantes do Movimento dos Sem Terra a cerca de 20 anos. Segundo João Pedro Stédille, elas tem o objetivo de manter o engajamento e a unidade, dos militantes, na luta pela reforma agrária no Brasil (Stédille 199, p.). Eu diria que a *mística* e prática de todos os movimentos sociais ligados ao campo e não só do MST, a mais de 20 anos. (revista Urdimento 2008....).

estruturação e produção de um projeto teatral, isso gerou um espectro de novos saberes e tarefas a serem distribuídas entre as lideranças camponesas.

Prática Coletiva de Criação e o Processo Colaborativo

2) Formação do Grupo

Para formar um grupo que iria participar da montagem teatral, o MMC/SC enviou convites para integrantes camponesas e suas famílias, nas várias regiões do estado de SC; onde há organização e o Movimento é representado por lideranças. Para Maria Helena Kiertner (2008 *“Sabíamos que iria ser difícil reunir pessoas de várias distâncias e lugares, para fazer uma peça que seria apresentada em todo estado.”*)

Primeiro foram reunidas 34 pessoas na sede do MMC/SC em Chapecó, oeste do estado, que encontraram - se em 4 nos finais de semana, durante 22 horas cada um, de sexta à noite a domingo à tarde, num total de 88 horas de processo. Quanto ao diretor, segundo opinião de Rosane Schiavini, *“[...] ele estaria ali para ajudar a construir o espetáculo, que de fato ele tivesse essa compreensão de ouvir a nossa história. Ouvir muito, respeitar [...]”*

O diretor convidado a colaborar com o processo cênico aceitando a condição de trocar experiência e conhecimentos e se unir ao processo delas, formando uma espécie de coletivo de trabalho diferenciado. Segundo CARVALHO (2009), há muitas formas de criação coletiva quanto os grupo que as praticam. O que há de comum, é o fato de que o material dramático, as personagens e o conjunto das relações, ficcionais, estéticas, surgem na “sala se ensaio”, com base nas improvisações dos atores e nos debates do grupo sobre um tema, e um projeto formal. Neste caso também dependeu da decisão em abraçar um projeto comum, que supõe debate sobre um tema já estabelecido, um projeto formal advindo do exercício cênico a ser desenvolvido pelo diretor, junto ao grupo com pouca experiência teatral, sem “impor “ uma peça pronta. O que envolve grande dificuldade, e que nem sempre pode resultar em numa boa escrita cênica.

(3) OFICINAS / LABORATÓRIOS

O grupo aos poucos foi definindo-se a 20 integrantes; 18 mulheres, um menino de 10 anos e um adolescente, ficando essas vinte pessoas a responsabilidade em representar a peça

“Na luta se faz história”; recuperando momentos significativos da história de 25 anos do MMC. Segundo o diretor Avito Correa⁸,

Elas tinham muita vontade, mas não entendiam nada de teatro. Foi um processo muito prazeroso só que intenso [...] No primeiro laboratório, foi mais lúdico propus brincadeiras. Pedi que elas falassem o nome em círculo, mas não se ouvia. [...]. O medo de falar. As colegas incentivavam as tímidas. Elas foram vendo que elas eram donas do processo. E não eu que tinha que dizer como queriam o espetáculo “Teatro ‘e instrumento humano”. “Processo do não ator, sem pretensão de ser atriz.”

Ao longo do processo, a cada etapa, elas foram tirando outras conclusões a respeito das oficinas, das atividades vocais, corporais e dos exercícios. Pelo fato de se estabelecer uma colaboração mutua entre os envolvidos, de pesquisa durante a construção cênica.

[...] o trabalho intelectual e braçal podem estar em pé de igualdade. [...] Existem muitos processos colaborativos autoritários [...] A primeira questão fundamental do processo colaborativo é relativa, portanto, ao modo de trabalho: ele só faz sentido como ferramenta de conscientização, desalienação e coletivização CARVALHO (2009)

O diretor utilizou várias técnicas de relaxamento físico, aquecimento, integração, técnicas vocais, leitura de pequenos textos teatrais e improvisação com o grupo. Como ele mesmo afirma "o teatro é um instrumento humano", e de que o trabalho desenvolvido com as camponesas não visava torná-las atrizes, e sim tornar artísticos fatos históricos e reais, “debatendo-os” em cena, de acordo com os anseios da luta e da história política das camponesas.

4)Material Cênico das histórias ao texto

Como a proposta feita ao diretor pelas camponesas, foi a de trabalhar sobre a história do MMC/SC ao longo dos 25 anos. Elas mesmas seriam então, as responsáveis em fornecer este material histórico-narrativo a ele.

Eu tinha que entender que história era delas. Elas tinham que fazer acontecer. Eu tinha que dar o ritmo, entender o que elas queriam. Elas tinham a história da vida dela e os processos..(CORRÊA: 2009)

⁸ . Diretor teatral Catarinense possui uma ligação com o teatro que considera popular e de militância. Contribui com outros movimentos sociais, ligados ao campesinato em todo o estado de SC. Em Caçador, SC realizou um espetáculo sobre a história do Contestado.

Durante as oficinas o diretor foi utilizando improvisações teatrais a partir de temas centrais para as camponesas. Começou com temas relativos a vivência delas, tanto como identidade camponesa (profissão, preconceito, divisão de tarefas, convívio com a comunidade, relação familiar), quanto a temas que são relativos à participação política, conquista de direitos questões gênero, etc. Segundo Carvalho (2009) A improvisação é, portanto, o principal meio pelo qual o ator se apropria da pesquisa e pelo qual o dramaturgo trava conhecimento com o entendimento prático do material.

O diretor/ dramaturgo também construiu um caminho paralelo o de levantamento tanto de histórias dos participantes junto ao Movimento assim como as histórias de outras lideranças que não estavam participando do processo e que vivem nas regiões de organização e procedência dos envolvidos com o espetáculo. Com estas pessoas mais antigas deveriam recolher um material mais consistente. Nos encontros seguintes, a promessa de compartilhar este material histórico.

Como a idéia era que o material cênico tinha como objetivo dialogar experiências significativas com o público, segundo Carvalho(2009) numa espécie de “*intervenção crítica*”, o texto do ponto de vista literário nem sempre e o critério mais importante.

É como se o processo colaborativo tivesse que passar por pelo menos duas etapas, antes que o roteiro e estabeleça segundo o caminho do espetáculo: a primeira de geração de materiais e perspectivas formais, a segunda de crítica e reinvenção desses materiais numa nova visão de escrita (em que a fase anterior é negada e superada) (CARVALHO: 2009; 69).

No encontro seguinte depois de lerem e trocarem as histórias trazidas, ele pediu que em grupos fossem improvisada algumas das histórias.” *Pra ele ver se a gente já conseguia se colocar na posição de repente daquela pessoa*”.(KIERTNER:2008). Assim o diretor podia observar e perceber o desempenho e a incorporação dos papéis e das historias. Observou como cada uma entrava em cena, mais neste ou naquele personagem, trazido nas histórias mais relevantes, numa espécie de decupagem do material.

Mais tarde, o material foi sendo conectado com as temáticas improvisadas anteriormente e formando outras ligadas às bandeiras de luta do Movimento em esfera pública.

Também, das muitas historias trazidas, reuniam-se em equipes, e o diretor propunha a escrita de cenas na tentativa de formar o texto teatral, a peça de forma coletiva.

Cada grupo trabalhou sobre um assunto,diretor também fez o seu exercício de escrita paralelo ao delas.

Fui pegando dados delas e fui escrevendo paralelamente fui trabalhando com elas a construção do texto coletivamente em grupos. Elas depois apresentaram o resultado dos textos das cenas/temáticas. Estavam tensas, pois, pois não gostaram das cenas do resultado. No final fiquei responsável para organizar o texto final. (CORREA: 2009)

Segundo ele não deu certo, ao realizarem as cenas escritas foram novamente para a cena no intuito de improvisar sobre o texto criado. Elas ficaram tensas, pelo pouco tempo que teriam pela frente. Decidiram transferir esta responsabilidade ao diretor que teve quinze dias pela frente até o encontro seguinte.

A partir daí foram ensaiando cenas da primeira à quinta, foram 25 ao todo e repetindo a te dar ritmo intercalando como as cenas coletivas.

A dificuldade pode ser advinda da pouca experiência e do grande desafio em escrever tanto a sua história quanto a historia geral da peça, e não apenas o seu papel. Para Carvalho (2009) aqui entra e a necessidade de um grande domínio formal. “A arte de incorporar o acaso e vozes múltiplas exige consciência formal aguda” (CARVALHO: 2009: 67). Naquele momento pertencia ao diretor pela sua longa experiência teatral, justamente pela inexperiência do grupo.

6) Sobre a escolha das personagens x papéis selecionados

Somente em posse do texto, fazendo a leitura das histórias e as improvisações, e que o diretor, decidiu definir quem ficaria com determinados ‘personagens/ papéis’, sempre consultando a opinião do grupo, sobre as mesmas escolhas. O texto veio com a modificação dos nomes originais na maior parte das vezes. Porém com uma identidade bem clara em termos de história construída. O grupo também deveria de posse ao texto, trazê-lo decorado no próximo encontro!

Algumas colegas representaram papéis históricos de algumas lideranças antigas do MMC e sentiram - se lisonjeadas, pois as histórias de vida delas foram contempladas”!

Outras colegas buscaram a emoção na própria memória das lutas. Eu escrevi a minha história em forma de poesia e, baseada também nos materiais do movimento. Meu personagem é uma narradora sonhadora querendo influenciar os netos [...].

A peça contém poucos personagens masculinos, porém estes, tiveram que ser encenados pelas mulheres, pelo fato do grupo ser composto em sua maioria por mulheres. O que segundo elas, não houve dificuldade. Segundo ele: “*Eu tinha que colocar a adesão masculina. Os homens participando desta historia. Senti dificuldades por serem na maioria*

mulheres, como colocar em cena os personagens masculinos? Coloquei poucos! Embora a história dos 25 anos exista muitos homens, inclusive os que tentaram obstruir o movimento .

Aqui entra a especificidade do grupo, como comentada acima. A ser pensada num outro trabalho, em relação ao teatro feminista ou de mulheres. Além de repensarmos o protagonismo dos homens muito comuns no teatro, nas várias funções, que até hoje são exercidas; tanto de direção, quanto na atuação. Segundo Carvalho (2009) quando nos inserimos num processo colaborativo começamos a repensar muitas coisas, nossas funções. Compreendemos que o processo de trabalho faz parte do assunto e da forma da montagem. Compreendendo que a “grande escrita teatral é sempre coletiva, e só se realiza com atitude artística nova”.

REFERÊNCIAS

Entrevistas em 2008:

Maria Helena Kiertner, 56 anos, agricultora integrante do MMC , pertencente a região de Tunápolis, Sc. Entrevista concedida em 22 de novembro de 2009

Janeiro de 2009

Rosane Schiavini liderança coordenadora do Grupo de Comunicação do MMC/SC concedida em 28 de janeiro de 2009

Avito Côrrea, diretor do espetáculo- concedida em 17 de janeiro de 2009

Luana Schiavini- concedida em 21 de janeiro de 2009

Márcia Souza, Graduada em Letras Mestre em Literatura pela UFSC atua junto a Coordenadoria de Extensão da Unochapecó da extensão. Entrevista concedida em 02 fevereiro de 2009 na Unochapecó em Chapecó, SC

CARVALHO, Sérgio Texto Sérgio Carvalho (org.), “Introdução ao Teatro Dialético” - Experimentos da Companhia do Latão, 1 ed. São Paulo: Expressão Popular; Companhia do Latão, 2009.

http://www.mmcbrazil.com.br/noticias/270808_mmc_sc.html acesso em 27 de agosto de 2008

http://www.presidencia.gov.br/estrutura/_sepm/ acesso 20 de maio de 2009